

A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA SOCIO CRÍTICA

THE SOCIO CRITICAL ETHNOGRAPHIC APPROACH

EL ENFOQUE ETNOGRÁFICO SOCIO CRÍTICO

Glauco Anderson Arizi Pereira¹
Javier Numan Caballero Merlo²

RESUMO: O artigo trata sobre a etnografia. Problematiza-se que, de por si, poderia constituir-se numa disciplina descritiva etno-culturalista fundamental. Constituindo se num aporte ao conhecimento dos produtos imateriais de todo e qualquer grupo humano historicamente definido e contextualizado. Mas, como supostos, em todo campo acadêmico, a prática etnográfica não é neutra, a descrição também não; aquela depende da definição ontológica, da definição do objeto-sujeito e alvo da intervenção e da ação passiva ou ativa no processo de construção-apropriação de toda e qualquer forma de conhecimento respeito ao, e com o outro. A forma própria de construir conhecimento denota relações de poder no processo de pesquisa; o processo de pesquisa e de construção de conhecimento e assim político, dependendo das posições no campo e os interesses vinculantes. Como resultados se mostra a distinção clássica entre a orientação emic e etic na relação com o outro alvo necessário da pesquisa (ação/estrutura); mas, em posicionamento e definição respeito à construção de conceitos e categorias a partir dos interesses da própria comunidade implicada, do processo mesmo de pesquisa, a sua avaliação, retroalimentação e reorientação. Fazendo possível visualizar explicitamente o tipo de relações de desigualdades e exclusão de acordo o próprio situamieto dos atores no processo de pesquisa etnográfica, perspectiva, identificação, interesse e orientação da sua prática. Deste jeito, emerge na sua prática a possibilidade do exercício de uma etnografia critica no sentido preciso de desnaturalizar historizando as relações sociais e seus produtos imateriais desde a perspectiva e lugar do sujeito (coletivo) alvo da intervenção, onde o pesquisador profissional e um parceiro jeráquicamente horizontal facilitador subordinado as definições do sujeito caso de estudo. Assim, segundo o paradigma da posição política de inicio do processo de pesquisa, definem se, necessariamente, a finalidade, a metodologia e as técnicas de dito processo. Só baixo um paradigma socio-critico e que a etnografia visa explicitar e superar as condições da desigualdade e exclusão sociais.

Palavras chaves: Etnografia tradicional. Paradigma. Etnografia crítica. Teoria fundamentada. Interesse. Sujeito da ação. Desigualdade-exclusão. Transformação.

¹Doutor em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción (UAA-Paraguai), Professor da Rede Municipal de Ensino de Dias D'ávila -Ba.

²Pós-Doutor pelo Instituto de Investigación em Educação (IRE), Universidade de Barcelona (UB), Docente-Investigador por la Escuela de Posgrado (ESPO), Universidad del Este (UNE). Docente-Investigador por la Universidad Autónoma de Asunción (UAA). Investigador Categorizado (PRONII-CONACYT)

ABSTRACT: The article is about ethnography. It is problematized that, in itself, it could constitute a fundamental ethnoculturalist descriptive discipline. Constitute a contribution to the knowledge of the intangible products of each and every one of the historically defined and contextualized human groups. But, as assumed in every academic field, ethnographic practice is not neutral, nor is description; The first depends on the ontological definition, on the definition of the object-subject and destination of the intervention and on the passive or active action in the process of construction-appropriation of each and every form of knowledge regarding and with the other. The specific way of constructing knowledge denotes power relations in the research process; The process of research and construction of knowledge is political, depending on positions in the field and binding interests. The results show the classic distinction between the emic and ethical orientation in the relationship with the other necessary objective of the research (action/structure); but, in positioning and definition, respect for the construction of concepts and categories based on the interests of the community involved, the research process itself, its evaluation, feedback and reorientation. Allowing you to explicitly visualize the type of relationships of inequality and exclusion according to the actors' own situation in the ethnographic research process, perspective, identification, interest and orientation of their practice. In this way, the possibility arises in its practice of exercising critical ethnography in the precise sense of denaturalizing by historicizing social relations and their immaterial products from the perspective and place of the subject (collective) objective of the intervention, where the professional researcher and a Horizontal Hierarchical Facilitation Partner subordinate to the definitions of the case study topic. Thus, according to the paradigm of the political position at the beginning of the research process, the purpose, methodology and techniques of this process are necessarily defined. Only under a socio-critical paradigm does ethnography aim to explain and overcome conditions of inequality and social exclusion.

781

Keywords: Traditional ethnography. Paradigm. Critical ethnography. Grounded theory. Interest. Subject of action. Inequality-exclusion. Transformation.

RESUMEM: El artículo trata sobre la etnografía. Se problematiza que, en sí misma, podría constituir una disciplina descriptiva etno culturalista fundamental. Constituir un aporte al conocimiento de los productos intangibles de todos y cada uno de los grupos humanos históricamente definidos y contextualizados. Pero, como se supone en todo campo académico, la práctica etnográfica no es neutral, como tampoco lo es la descripción; el primero depende de la definición ontológica, de la definición del objeto-sujeto y destino de la intervención y de la acción pasiva o activa en el proceso de construcción-apropiación de todas y cada una de las formas de conocimiento respecto y con el otro. La forma específica de construir conocimiento denota relaciones de poder en el proceso de investigación; El proceso de investigación y construcción del conocimiento es político, dependiendo de posiciones en el campo e intereses vinculantes. Los resultados muestran la distinción clásica entre la orientación emic y ética en la relación con el otro objetivo necesario de la investigación (acción/estructura); sino, en posicionamiento y definición, respeto a la construcción de conceptos y categorías a partir de los intereses de la comunidad involucrada, el proceso de investigación en sí, su evaluación, retroalimentación y reorientación. Permitiendo visualizar explícitamente el tipo de relaciones de desigualdad y exclusión según la propia situación de los actores en el proceso de

investigación etnográfica, perspectiva, identificación, interés y orientación de su práctica. De esta manera, surge en su práctica la posibilidad de ejercer la etnografía crítica en el sentido preciso de desnaturalizar al historizar las relaciones sociales y sus productos inmateriales desde la perspectiva y el lugar del sujeto (colectivo) objetivo de la intervención, donde el investigador profesional y un Socio jerárquico facilitador horizontal subordinado a las definiciones del tema de estudio de caso. Así, de acuerdo con el paradigma de la posición política al inicio del proceso de investigación, necesariamente se definen el propósito, la metodología y las técnicas de este proceso. Sólo bajo un paradigma socio crítico la etnografía pretende explicar y superar las condiciones de desigualdad y exclusión social.

Palabras clave: Etnografía tradicional. Paradigma. Etnografía crítica. Teoría fundamentada. Interés. Objeto de acción. Desigualdad-exclusión. Transformación.

INTRODUÇÃO

A etnografia às vezes se aborda como um enunciado neutral formal de dicionário. Porém, como disciplina que assume uma orientação diversa segundo os pressupostos paradigmáticos que abrace, de aplicabilidade, tipo de metodologia, técnicas, validação e aplicação. Considerando uma abordagem emic ou etic (positivista); e emic ativa-participativa (sujeito da pesquisa; socio crítico) ou passiva do sujeito alvo (o centro hegemônico del saber poder é o pesquisador (interpretativo)).

A prática da etnografia assim abre se a várias opções, dependendo do controle e 782 decisões no processo de pesquisa; e, da capacidade ativa ou passiva dos sujeitos da intervenção na própria produção e compreensão do conhecimento e transformação das condições e contexto social e histórico respeito a desigualdade, e seus produtos como a exclusão e pobreza.

A etnografia (ERICKSON, F., 1988/1992, MACEDO, 2004) é imprescindível como uma abordagem científica investigatória, que nos traz algumas contribuições profundas no diagnóstico das mazelas sociais, provocadas pela exclusão social, na possibilidade de reverter este quadro decadente em uma realidade mais democrática possível.

A etnografia se instituiu como uma abordagem de investigação científica que contribui de maneira decisiva no campo das pesquisas qualitativas trazendo à tona questões pertinentes ao estudo das desigualdades sociais e exclusões sociais: inicialmente, por se preocupar com a dialética da cultura que se estabelece como um sistema significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana. Secundariamente, por introduzir os atores sociais como um elemento indispensável tanto na participação ativa quanto na

dinâmica do processo modificador das estruturas sociais. O “objeto” de pesquisa é visto agora como “sujeito”. É considerado como “agência humana” imprescindível no ato de “fazer sentido” das contradições sociais; e concluindo, por revelar interações e ou relações no seio das organizações que são implicitamente “normais” (FOUCAULT, 1988; ALTHUSSER, 1983), mas, explicitamente são condenáveis (MEHAN, 1992; ERICKSON, 1986; MARX E ENGELS, 1846/1985).

Etnografia normalmente conceituada como grafia é originário do grego Graf (o) significa escrever ou descrever sobre um tipo particular – um etn (o) ou uma sociedade em particular. A etnografia é uma ramificação da antropologia que se volta prioritariamente ao estudo dos padrões menos previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos no cotidiano; estuda também fatos e ou eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em um determinado contexto interativo entre as pessoas e os grupos com o objetivo de “desnudar” o dia-a-dia dando significados as ações manifestadas espontaneamente nas relações humanas em contextos puramente sociais.

Para HAMMERSLEY e ATKINSON “La Etnografia alude al método o conjunto de métodos, cuya principal característica sería que el etnógrafo participa abierta o encubiertamente de la vida diaria de las personas observando que sucede, se dice, formulando 783 preguntas, haciendo acapio de cualquier dato disponible que sirva para arrojar luz sobre el tema que se investiga” (2001), dessa forma podemos perceber que a pesquisa de natureza etnográfica é a mais básica de investigação social que busca a proximidade e a profundidade das ações rotinárias que outorgam o sentido da vida.

Na perspectiva de GEERTZ, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias mapear campos, manter um diário “o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma” descrição densa” (1989, p.15). A maior ênfase da etnografia é obter uma leitura(s) sobre as diversas descrições de forma densa, aonde as riquezas dos detalhes possam sobressair expondo das atitudes manifestas e sua complexidade que lhe é peculiar - monitorar, documentar sobre as raízes dos fatos observados e suas manifestações e sem as quais não se pode apresentar como categoria cultural.

Esses conjuntos de significantes nos apresentam como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis (OGBU, 1981) de interpretações. Etnografia é escrita do visível e depende também dos atributos desenvolvidos pela percepção apresentados pelos sentidos, essas qualidades potencialmente desenvolvidas elevará a sensibilidade do cientista em relação não só em relação ao outro mais também sobre o conhecimento oportunizado pelo contexto estudado. Não só a percepção como também a imaginação científica³ do etnógrafo possibilitará o entendimento de forma sistêmica e sistematizada a lógica dessa sociedade e das particularidades inerentes dentro de uma perspectiva funcionalista durkheimiana que “o todo é muito mais que a soma das partes”.

A microanálise etnográfica é um instrumento da etnografia que se preocupa particularmente em um evento ou parte dele, ao mesmo tempo em que se dá ênfase ao estudo das relações sociais em grupo como um todo holisticamente (LUTZ, 1983). Em microanálise é importante enfatizar o significado da interação como um todo a relação entre a cena imediata da interação social de um grupo e o significado do fato social ocorrido em grandes contextos culturais (ERICKSON, 1992). A etnografia serve como uma espécie de “background” para uma análise pormenorizada, tanto no significado quanto no significante não se pode deixar de se levar em consideração as suas dimensões históricas e geográficas na organização do seu 784 espaço geográfico e das suas dinâmicas estabelecidas entre seus componentes; os significados locais da população a ser estudada é um dos pilares mais relevantes a serem destacados no desenvolvimento do trabalho de campo.

De acordo com GOFFMAN (1981) “quando existe um grupo de pessoas reunidas para se socializar, uma ordem social é desenvolvida para aquele grupo particular de indivíduos”, já que, onde quer que as pessoas se encontrem vão se socializar de alguma forma. Na verdade, existe uma “ética” de organização e significados que são aceitos e naturalmente compartilhados e chancelados por todos, só podemos aprender com a profundidade devida sobre esses valores universais nos voltando para a esfera do particular, estabelecendo um diálogo entre as questões particulares e locais que estão intimamente ligadas com os aspectos universais.

³ WRIGHT MILLS, C.: La imaginación sociológica. México, ed. Fondo de Cultura Económica. 1986.

Um dos grandes dilemas ou paradoxos que se apresentam diretamente aos cientistas das ciências humanas e ou sociais, será: como estabelecer a natureza adequada da pesquisa, já que os mesmos se confrontam objetivamente na leitura dos fenômenos, os vieses qualitativos ou quantitativos se posicionam em uma rota de colisão histórica.

Nessas premissas contraditórias que se confrontam de forma severa, excluem-se mutuamente, o que na verdade se apresenta um quadro construído em um determinado cenário onde um grande dilema ainda mais potencializado de forma exponencial em relação ao uso dessas metodologias, diante do problema apresentado, qual delas é a mais adequada? Na verdade, ambas têm virtudes e limitações, o que se deve observar objetivamente seria, qual delas é a mais indicada para estudar o objeto de estudo da pesquisa? Qual lente mais apropriada me possibilitará obter do objeto as suas mais variadas (as) prismas, características ou nuances?

O maior problema do uso da quantificação é a sua forma de expressar e ou interpretar a análise sobre o fenômeno, se utilizando da estatística e da matemática pertinentes às ciências naturais com tabelas, porcentagens e desvio padrão voltando-se objetivamente para o distanciamento da subjetividade e posteriormente da intersubjetividade em termos coletivos. O uso inadequado pode gerar conseqüentemente conclusões superficiais do fenômeno a ser 785 compreendido nas suas mais diversas facetas, assim as pesquisas quantitativas devem ser aplicadas de forma apropriada contribuindo de maneira eficaz na etnografia.

Já a pesquisa qualitativa se volta para o mapeamento das questões fundamentais no que se refere aos aspectos elementares relacionados aos problemas e as dimensões da subjetividade e conseqüentemente da intersubjetividade, buscando entender as ações sociais que definem a mentalidade expressamente construída dentro de uma perspectiva dialética de uma cultura que prioriza a sua interação direta com seu contexto social.

O exercício da ação investigativa pode ser definida como objeto de estudo externo separado como coisa do pesquisador, de tipo positivista, invocando de fora, a maior distancia com o mesmo como garantia de imparcialidade e por tanto objetividade. O pesquisador desde fora aborda seu objeto seja qual for.

Se contrapondo, o naturalismo e a abordagem socio-crítica assumem que ha uma pertinência máxima entre o objeto e o sujeito nas ciências sociais e humanas, e que por tanto,

primeiro no sentido ativo crítico transformador pelo Marx na sua famosa décima primeira Teses sobre Feuerbach (Apud Marx e Engels, 1985); e logo, com o Weber (1991; 1958) e a vindicação passiva da objetividade na compreensão da ação social de tipo mais fenomenológica. Os supostos sempre estão presentes, e a base de seu reconhecimento e identificação a premissa primeira para sua melhor compreensão, e, na opção crítica, para sua transformação ao modo do Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido; constituindo estratégias de apropriação objetivas por tanto diversas.

A postura *emic* e *etic* (Caballero, 2006) pela sua vez constituem duas perspectivas que apresentam supostos teóricos diversos, articulando produção de conhecimento, a sua interpretação e formas diversas de respeitar a objetividade científica. Combinando suporte conceitual, método e técnicas de pesquisa na colheita de dados, segundo o tipo de participação do sujeito da pesquisa e da relação do pesquisador no processo da mesma e o uso de seus resultados (aplicabilidade). Fazendo que o método seja mais que uma questão técnica, que define o olhar com determinados conceitos e categorias construídos de algum jeito no decorrer do processo de pesquisa (teoria fundamentada) e por tanto o enfoque com o qual vão se analisar os dados recolhidos, desde o pesquisador, desde o sujeito, ou numa relação ativa participativa colaborativa.

786

A *perspectiva etic* e aquela do observador desde fora, aquela do pesquisador, com as suas categorias, conceitos, livros e ferramentas que definem o objeto embora seja reelaborado no percurso da pesquisa sem as conotações o bem dos sujeitos alvo ou unidades da pesquisa, o bem como atores participativos construtores de todo processo de investigação, assim como da sua validação e tomas de decisões da sua aplicação; e corrigir, recomeçar, corrigir, num começo e recomeço que se ajustam de acordo as necessidades do sujeito ativo participativo. Então aqui entram tanto o positivismo quantitativo como o interpretativo qualitativo porque deixam a definição, relações de poder e exercício da hegemonia ao sujeito da intervenção fora da toma de decisões, e participação ativa deles na construção e transformação das condições socio culturais de partida.

Por outro lado, temos a *perspectiva emic* quando o pesquisador e um facilitador que de maneira colaborativa horizontal participa como um igual no processo de pesquisa em todas as etapas respeitando, aceitando os interesses e decisões dos próprios sujeitos da pesquisa. Aqui o

sujeito coletivo da intervenção e o fazedor que de forma ativa e participativa, que define esta modalidade de etnografia crítica, consegue definir seus problemas e as estratégias para superá-las.

Então, a prática etnográfica depende da posição assumida, dentro ou em sintonia com alguns dos supostos dos paradigmas das ciências sócias e humanas, assim como a adscrição a uma postura emic ou etic. Distanciado do objeto, com o objeto, descritivo ou transformador.

Evidenciam-se assim contrastes entre os três principais paradigmas de acordo a BRIONES (2002): a) o positivista quantitativo (explicar, predecir, controlar; quantitativo); b) o interpretativo qualitativo (compreender, interpretar: etnografia tradicional e estudo de casos); e, c) o socio crítico. Sendo este último àquele que tem como finalidade transformar ou mudar a situação dos próprios implicados no processo de pesquisa como atores participativos objetivos da intervenção. Com a proposta de uma metodologia ativa como a investigação ação participativa e técnicas da mesma ordem qualitativas como a entrevista, a observação e os grupos de discussão.

Uma coisa é descrever e contemplar a desigualdade e seus produtos como a pobreza e a exclusão e outra muito diferente, gerar e desenvolver consciência e instrumentos conceituais e instrumentais para transformar a situação e relações de partida.

787

Na lente de HAMMERSLEY e ATKINSON (2001) comenta alguns pontos divergentes entre a investigação qualitativa e os métodos quantitativos, afirmando que essa separação total é um grande equívoco, ambas podem trabalhar em conjunto codificado e analisando os dados, tanto as palavras quanto os números ambos são elementos contidos de significados, todo e qualquer indicador nas ciências empíricas ou sociais podem implicar em um possível problema na realidade, este sendo bem diagnosticado dentro das suas especificações ambas as abordagens podem inclusive atuando juntas (quali-quantitativa) podem favorecer consequentemente em uma melhor captação dos dados e interpretação dos mesmos sem promover maiores problemas.

Após a definição de significados será efetivada através de uma categoria analítica que vão ler e interpretar estes instrumentos de medidas ou de observação, a sustentação de toda essa argumentação que definirá no estudo a natureza das ações e o resultado dessas ações dos sujeitos são guiados por significados construídos sócio historicamente.

A dialética existente entre a interação-contexto-interação leva-nos a perceber que a etnografia na sua essência vai trabalhar com mais três conceitos fundamentais: o primeiro, que tipo de *interação social* ocorre quando as pessoas agem de forma recíproca? O segundo, que *tipo de comportamento* fica evidenciado nas ações cotidianas que o indivíduo realiza? E, o terceiro, como uma determinada ação humana que rompe objetivamente com os padrões sociais será *repercutida entre os membros de sociedade*? Como elas reagirão?

Na *interação social*, percebe-se que as outras pessoas e situações sociais e, baseando-nos nelas, elaboramos idéias sobre o que é esperado, e os valores, crenças e atitudes que a ela se aplicam. Dessa forma, resolvemos agir de maneira que teremos significados que desejamos transmitir (WEBER, 1991). O que não se pode perder de vista é como o processo de interação acontece entre as pessoas na formação de um ambiente em relação a um outro.

O conceito de cultura formulada por GEERTZ, explica que a mesma que a semiótica se configura como uma forma como o homem significa o seu mundo a partir da teia de signos e símbolos que ele criou e teceu ao longo de sua história (1989). A cultura não pode ser considerada como algo casual, cultura é contexto e pode ser descrita densamente de forma inteligível.

A abordagem dialética da etnografia parte do princípio que não devemos desconectar 788 um determinado fato de sua totalidade, já que, as partes são influenciadas pela sua totalidade em si mesma e em cada parte do todo, sabendo-se que o todo não é só contido de uma lógica própria mais também de um método. A interação social é dinâmica, ela se desenvolve de forma singular ou não de forma diferenciada em cada momento na história, é importante contextualizar o objeto de pesquisa para que o mesmo seja melhor abordado no contexto sócio-cultural, “A impossibilidade de contextualizar um dado da pesquisa dificulta para o pesquisador entender o seu significado da interação para o seu estudo” (SHULTZ et. al.,1983), esse contexto é visto como algo que fica “pairando no ar” sem bases sustentáveis, portanto difícil de apreendê-lo no campo.

(Re) conhecimento do lugar do e com o outro sujeito da pesquisa

Uma das questões-chaves do trabalho etnográfico se efetiva em uma das frases mais marcantes de Paulo Freire (1983), seria na verdade “falar com eles e não sobre eles”, que

aparentemente pode apresentar uma pretensa superficialidade, entretanto tem uma profundidade sem igual. É uma missão sempre complexa descrever o objeto de estudo em seu núcleo-contextual, mostrando que “o outro” estará lá para tal feito, sendo um agente que constrói e reconstrói bravamente a sua própria história. Significando e ressignificando a sua localidade, o uso de uma linguagem adequada para com os atores sociais será fundamental para que os mesmos possam corresponder a altura do que se deseja obter por parte do pesquisador trazendo à tona as narrativas que expõe as (os) principais contradições\ entraves\ pontos de estrangulamentos dessa realidade.

A tarefa desse trabalho é dual, descrever “o outro” sob a perspectiva “dele”, é difícil e ao mesmo tempo desafiador retratar aspectos aparentemente “singelos” mais de uma profundidade relevante e indispensável na ação etnográfica.

A ênfase na questão do trabalho etnográfico se impulsiona pela magnitude do objeto de estudo, do que por sua tipificação ou pelos meios que lhes são ofertados por uma determinada técnica na obtenção dos dados disponibilizados pelo campo, sabendo-se que esta tem um papel de extrema relevância para o processo de construção e elaboração da mesma, ter um conjunto bem articulado se faz necessário para um bom andamento da pesquisa.

Na etnografia a tarefa de investigar necessariamente precisa ser observado em 789 sua totalidade com propósitos bem direcionados para que na tentativa de estudar não só a organização “dos outros” mais a sua “lógica própria” não seja comprometida, invasora, discriminatória, opressora ou excludente. Esse desafio impulsiona o reconhecimento ainda maior desse paradoxo que deve ser superado, “queremos ser específicos sem sermos abstratos, sermos empíricos sem sermos positivistas, sermos rigorosos” (ERICKSON, 1988), tentaremos combinar uma análise detalhada de comportamentos, atrelada a sua interação cotidiana contida de inúmeros significados em sua rede de relacionamento sociais”. Mas também, definindo uma posição e orientação teórica prática da inclusão do outro no desenho e execução da pesquisa, assim como sua validação. A investigação ação e mais que uma metodologia ativa participativa e uma forma de pesquisa onde o outro se constitui no seu próprio fazedor, segundo interesses e posições nos campos⁴ sociais.

⁴ No sentido bourdiano do termo.

Técnicas de Investigação qualitativas

A etnografia trabalha com “Dados Vivos” que no desenrolar de estudo se tornam “Dados de Fontes” documentais secundárias que posteriormente haverá a necessidade de complementá-lo com outras fontes primárias de pesquisa para se ter uma melhor leitura e ou melhor abordagem da realidade na obtenção dos dados. HAMMERSLEY e ATKINSON (2001) afirmam que “El etnógrafo cuidadoso tendrá en cuenta que todos los tipos de datos presentan problemas, todos son producidos socialmente, y ninguno puede ser tratado de forma neutral como no problemático e como si fuera una representación transparente de la realidad”, aprioristicamente colheremos os dados e a posteriori analisaremos e atrelaremos a uma determinada teoria, e dessa forma chegaremos aos primeiros elementos indicadores no processo de investigação.

Para se fazer etnografia é necessário antes de mais nada seria importante selecionar não somente a metodologia mais adequada, como também a técnica mais apurada possível para se captar da realidade, e o que se deseja objetivamente da mesma. Essas técnicas poderiam ser: a entrevista, a observação, histórias de vida, relatos biográficos, análise documental. Após a definição da metodologia e da técnica iniciaremos logicamente todo o processo de investigação, e dentro desse cenário estaremos objetivamente lidando com o objeto de estudo e das suas características que lhes são significativas para serem abordados e trazidas à tona. E aí tão somente poderemos definir as categorias analíticas que vão nos nortear processualmente na interpretação das nuances apresentadas, onde vamos encontrar uma relação dinâmica entre o projeto e a execução do trabalho científico em uma espécie de “sintonia fina” entre o “gabinete” e o “campo” que é instância onde as contradições se fazem presentes. Em todo o momento estamos diante de uma reflexividade constante ação-reflexão-ação no refinamento dos dados captados no campo.

O marco zero das técnicas de investigação etnográfica seria sua gestação fora do campo durante a produção de materiais empíricos, nos primeiros momentos da pesquisa elabora-se um projeto com idéias prévias geradas de leituras e de experiências concretas, posteriormente sistematiza-se a elaboração de um plano de trabalho que irá desenvolver ações á serem efetuadas de acordo com o que foi planejado dentro de um cronograma. Isto, como o sem a participação dos sujeitos alvos individuais ou coletivos da intervenção. O que pode

definir a orientação emic ou etic da construção do conhecimento e da própria pesquisa. O sujeito podendo ser ou não ativo e participante direto em toda a instancia de geração, validação e aplicação do conhecimento assim produzido.

O material empírico nada mais é do que “um conjunto de provas concretas observáveis, que o investigador produz usando técnicas de produção de dados...” (VELASCO, 1997, p. 86) que depende diretamente da sensibilidade do cientista e da sua capacidade de diagnosticar e interpretar aspectos muito peculiares e representativos aguçando tanto a atividade científica em si (*geschichtschreibung*), quanto o estranhamento (*entfremdung*) como “una forma de curiosidad que se despierta cuando uno descubre que las vidas de las gentes, sus formas de entender la realidad y de ponerla en práctica, son diversas” (VELASCO, 1997, p. 95). Pudendo assim, se tratar do investigador como profissional externo na relação sujeito objeto da pesquisa, ou coadjuvante com o sujeito ativo participante.

O diário de campo “é um instrumento indispensável na abertura do processo etnográfico fundamental na forma procedimental de investigação que se descreve passo a passo desde os primeiros momentos do projeto das atividades do etnógrafo” (VELASCO, 1997, p. 86). O diário é um recurso diacrônico no decorrer da investigação sendo o núcleo do trabalho de “gabinete”. Ao lermos os diários percebemos a produção sucessiva de materiais 791
assimilados oportunizados pelo campo. O caderno de notas é usado no campo enquanto o diário de campo é utilizado no “gabinete”, contendo de forma detalhada elementos indicativos detalhando como se planificará às ações de forma resumida.

A definição das regras nos trabalhos com ações procedimentais e atitudinais especificadas no diário do campo é importante para evitar e ou objetivamente controlar possíveis desvios tanto na conduta diária como nos registros das observações, comentários e interpretações durante a investigação. Segundo Velasco e Díaz de Rada “En primer lugar, se realiza el diario a diario tratando de matener la información en la mete sin ser transcrita el mínimo tiempo posible. Hay que recomponer en el diario cuando antes la entrevista, la reunión, etc. La segunda regla responde a la misma intención. Tanto cuando se toman notas en el campo, como cuando se escribe el diario, los etnógrafos ponen mucho cuidado en distinguir quién ha dicho que y quién ha hecho qué. Para ello hay que senalar con claridad qué textos pertenecen a los informantes y cuáles al etnógrafo” (1997, p. 98). A missão

situacional do etnógrafo é investigar o outro e tentando se manter o mais “próximo” do sistema cultural a ser estudado, para isso se utilizará de metodologias “lentes” mais adequadas que serão fundamentais para o exercício da e na apreensão do objeto ou justamente reconhecendo a objetividade do sistema cultural do outro para ele mesmo como sujeito coletivo alvo dinâmico da própria pesquisa da qual participa no mesmo nível que o pesquisador profissional.

A observação e a assimilação das rotinas do campo é uma das vias mais importantes na compreensão da vida cotidiana. A compreensão de como as ações são estruturadas cotidianamente irão por em pauta os objetivos do trabalho de campo, como forma de investigação. De acordo a Velasco e Díaz de Rada (1997, p. 106) “Vamos conociendo y recorriendo el espacio físico del campo mediante planos, mapas, documentos, desplazamientos. También vamos conociendo su aspecto social por medio de prácticas y conversaciones con los informantes, experiencias hasta cierto punto compartidas, interacciones, adopción de roles; y en este proceso, vamos entrando en los ritmos, captando los tiempos, asimilando las rutinas”.

Na realidade o acesso a esses ambientes será efetivamente feito de forma processual constituindo-se progressivamente até se chegar num estágio de melhor “proximidade” ⁷⁹² possível em um primeiro momento, e posteriormente em um segundo momento uma maior “intimidade” até que possa se captar de forma inteligível as formas de “ser e viver” do social. O etnógrafo deve atuar movendo-se flexivelmente entre a assimilação de novas rotinas, a realização de entrevistas com informantes ou não, ponderando sobre as observações, escrever nos diários, rever algumas idéias prévias ou de algumas indicações previstas no projeto. (VELASCO, 1997). Na investigação ação (IA)⁵ o sujeito e ator participante necessário em todo processo.

A transformação de informações em dados no processo etnográfico efetiva-se inicialmente no recolhimento das mais diversas informações parciais, posteriormente outras

⁵ Que apresenta como metodologia diversa, variantes, entre elas, a investigação ação colaborativa, a investigação ação participativa, a investigação ação educativa. Como metodologia eminentemente qualitativa aplica técnicas qualitativas como a observação, entrevistas, análise documental, discussão em grupos, etc. Análise de dados que compreende su recopilación, validación saturación, triangulación, comprobación dos participantes, interpretação e ação.

interpretações serão efetuadas através de novos fatos que possam advir da cultura local, todas essas informações recolhidas serão analisadas do ponto de vista epistemológico. Um dos recursos mais usados e um dos mais importantes que permitem gerar informações pertinentes seria a capacidade meticulosa de formularmos perguntas mais assertivas objetivamente possíveis para se obtiver respostas mais contundentes com um conteúdo mais significativo. Esses argumentos a posteriori tratados cuidadosamente vão dar origem a um corpo sólido no processo de investigação, já que esse registro será transformado em unidades relevantes transformadas em dados etnográficos. A retroalimentação e validação com o sujeito da pesquisa com metodologias ativa e central tanto no ciclo de construção do conhecimento como nas decisões de como aplicá-lo, ou reorientá-lo.

O trabalho de campo: recolhida e validação

O trabalho etnográfico é uma situação metodológica, e também em si mesmo é um processo, uma seqüência de ações, de comportamentos pré-concebidos e planejados na tentativa de coibir possíveis acontecimentos que possam desestabilizar as ações definidas pelo investigador ou segundo um modelo de (IA), cujo objetivo é descrever relatando as informações captadas. A etnografia se efetiva concretamente no trabalho de campo sendo a ⁷⁹³ fase mais importante da investigação etnográfica. A observação participante essencial, no entanto, está subjugada ao trabalho de campo, em certo sentido, é o único meio para a mesma atuar concretamente.

O trabalho de campo envolve métodos e procedimentos que serão selecionados e que serão importantes para a pesquisa. As categorias que escolhemos para serem observadas não são obrigatoriamente escolhidas previamente; “na maioria das vezes a escolha se dá partir do desenvolvimento do trabalho de campo a esse movimento da pesquisa chamamos de hipóteses progressivas” (HAMMERSLEY, 2001). Pois cada momento de reflexividade sobre o trabalho desempenhando, modifica-se o caminhar em um movimento próprio. Os dados, e como eles se apresentam refletem e criam novas questões. Indução e dedução estão constantemente em dialogo com este procedimento analítico (VELASCO, 1997). O pesquisador delinea sua linha de questionamento temático para que possam a pertencer ao corpo do trabalho.

A originalidade estrutural metodológica norteia os princípios essenciais do trabalho de campo da seguinte forma:

- Os melhores instrumentos para conhecer e compreender uma cultura como realização humana são a mente e as emoções do outro ser humano.
- A cultura deve ser vista sob o olhar de quem vive lá, ou através do observador científico.
- A cultura deve ser como um todo (Holismo) de forma que as condutas culturais devem ser analisadas dentro do seu contexto original.

Estes princípios acima citados são em parte o estilo metodológico desenvolvido por Bronislaw Kasper Malinowski (2000) pesquisador da cultura e etnia indígena.

A singularidade metodológica tem uma implicação direta no trabalho do investigador como na sua auto-instrumentalização.

Este método envolve relações sociais, não é possível instrumentalizar as relações sociais e suas dinâmicas sem a observação participante, que exige a presença em cena do observador, de modo que, o mesmo não perturbe o seu andamento e desenvolvimento natural e suas dinâmicas. O pesquisador deve ter uma relação amistosa com o grupo que analisa e com quem convive.

794

A observação participante conota:

- a) Relações igualitárias, a informação se intercambia como comentários e acontecimentos que acontecem simultaneamente.
- b) A aprendizagem das regras de comunicação do grupo e respeito e o cumprimento de suas regras.
- c) Certo grau de empatia.

A informação obtida é baseada nos laços de confiabilidade e retidão construídas entre o cientista e a comunidade estudada, como um laço de reciprocidade ou dom, como uma dádiva na estrutura sustentada no dar-receber-retribuir. Próximos a estes modelos cabem outros possíveis:

- A comprovação da transmissão de informações como uma troca que exige fidelidade e precisão.

- A intervenção em que a finalidade da informação cumpre o resultado da ação apreendida
- Outros modelos organizacionais baseados no controle da informação.

A observação participante contempla a cultura do ponto de vista dos sujeitos da localidade. O investigador estabelece uma relação de aprendizagem com o objeto de estudo, buscando uma interação “plena” com o grupo assimilando, os códigos e o funcionamento, como também a sistematização dos sistemas de condutas dessa cultura. (VELASCO, 1997, p. 26) com algumas diferenças como:

- Se refere a um processo de socialização de um adulto em outra cultura.
- Se trata de uma aprendizagem sem internalização, um aprendizado instrumentalizado para um objetivo extremo.
- Se busca adquirir um conhecimento profundo, acesso ao significado dos comportamentos.
- Uma socialização com retorno previsto, uma socialização reversível.

O processo de socialização secundária se valida através de uma informação etnográfica situando-se sempre na perspectiva do “nativo” e ou “povos originários”, obtendo as 795 informações de visão do mundo segundos os olhos dos mesmos. (VELASCO, 1997).

Uma das missões da etnografia é explorar das estruturas sociais significados implícitos, a complexidade em seus diversos níveis interfere diretamente na definição dos significados, segundo Levi Strauss citado por VELASCO, (1997, p. 79) “el antropólogo hace algo más que acallar sus, sentimientos, elabora nuevas categorías mentales, contribuye a introducir nociones de espacio y tiempo, de oposición, tan extrañas al pensamiento tradicional”.

Alguns requisitos são importantes para se ter acesso aos significados da cultura a ser compreendida como:

- A objetividade no trabalho de campo é alcançada por meio de uma comunicação direta entre o investigador e os povos originários “os de lá”, ou seja, pela intercomunicabilidade.

- O trabalho de campo é para o investigador uma experiência transformadora, capaz de se converter em um receptor de mensagem e convertê-la em uma linguagem inteligível.

- Através da intersubjetividade se tem o acesso à significação e da objetividade na perspectiva dos povos “nativos”.

Tanto a observação como a entrevista produzem informações, ambas são complementares e pretendem captar o máximo da totalidade do contexto cultural a ser abordado. São dois modelos importantes que se diferenciam (VELASCO, 1997).

- A Observação – a informação se obtém da sensibilidade e intimidade diante da ação dinâmica do objeto de estudo.

- A Entrevista – a informação se obtém da abundância e previsão dos sujeitos e dos informantes.

Complementam-se:

- A observação proporciona o contraste com a realidade e a objetividade que imaginativamente se comunica com a entrevista.

- As entrevistas proporcionam um paralelo entre os sentidos as ações imperceptíveis durante a observação.

- Precisamente, a observação participante se entende como uma forma condensada de obter objetividade por meio de uma observação sensível e próxima, que captará os mais diversos significados que os sujeitos dão ao seu comportamento que se refletem diretamente na sua mentalidade.

Ambas as técnicas são modos de produzir informação:

a) A Observação e a observação participante proporcionam descrições do discurso do próprio investigador.

b) A Entrevista, contida de diálogo, proporciona um discurso do sujeito como objeto de estudo.

c) No trabalho de campo se produzem outros tipos de informações como: cursos, questionários, fotografias, gráficos e etc., que contribuem para reforçar a idéia de que por meio da heterogeneidade de acessos é possível apreender parte da totalidade e objetivá-la.

Em todo caso, a observação e a entrevista são dois instrumentos indispensáveis que correspondem às perspectivas apresentadas nas categorias EMIC (Discurso que se baseia na racionalidade dentro de um sistema particular) e ETIC (Discurso que se baseia na racionalidade que se situa fora do sistema).

A apreensão da totalidade cultural ou social na verdade é uma utopia, na busca tendenciosa da apreensão da totalidade implica no uso de técnicas flexíveis para se adaptar a heterogeneidade da natureza das situações de trabalho e de seus dados, outra utopia é considerar a onipresença do pesquisador em observar todos os fatos sociais disponíveis simultaneamente, na prática se escolhe(m) o(s) ritual(is), lugares ou acontecimentos para se atuar oportunamente. Outro sentido de “totalidade” é ilusoriamente é determinado pelo objeto, já que, em sociedades consideradas primitivas justifica-se esse argumento por seu tamanho e homogeneidade podendo-se alcançar a totalidade (VELASCO, 1997). Outras aproximações da idéia de totalidade:

- A pauta resolve características transversais das manifestações da vida social.
- A noção de contexto se concebe pelo acesso ao significado de um fenômeno que se integra por um conjunto de relações entre os indivíduos, esse conjunto de relações tem representatividade nas relações como um todo integrado.
- Os elementos que estruturam o sistema social.

Definitivamente a busca pela interpretação e análise da totalidade é ambicionar algo improvável sustentado objetivamente pela utopia margeando a impossibilidade principalmente pelas limitações impostas por fatores humanos e materiais que nos impedem estudar toda e qualquer realidade nas suas mais diversas dimensões. Por razões óbvias seleciona-se um grupo ou setores da sociedade, abordar qualitativamente quase que todas as sociedades humanas é uma ambição desmedida devida as suas especificidades, com um problema desta magnitude entramos em uma rota de colisão estabelecendo grandes paradoxos, como se poderia se fazer representar com credibilidade amostras e seus critérios sem comprometer os aspectos éticos que lhes são representativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De esta maneira pode apreciar-se que não toda prática etnográfica e crítica senão visa à transformação da estrutura e relações com as quais os sujeitos da intervenção reconhecem a base de sua desigualdade, exclusão e pobreza social. Porém, todas as práticas são válidas, mas não todas transformadoras. Da descrição positivista, até o detalhe; passando por belos relatos interpretativos que consideram conceitos, olhares e formas de pensar do outro, mas não a sua intervenção no processo de produção de conhecimento sobre o seu próprio estado de situação e possibilidades de respostas. Nem as decisões nem as ações estão nas suas mãos, dependem deles.

Assim só uma etnografia crítica possibilita a mudança do diagnóstico descritivo para que seja político.

O etnocentrismo é uma ação temerária dentro da pesquisa científica deve ser evitada, “abolida” se pudermos ou desenvolver ações afirmativas no intento, para que não percamos a objetividade nas interpretações das estruturas sociais, possivelmente sem perder de vista, as especificidades das ações e os pontos de vista e os significados que os atores sociais dão ao cotidiano.

798

As pessoas envolvidas nesse processo são “pessoas diferentes” ambas com uns olhares totalmente diferenciados onde a dualidade “lá eles” e “nós” são faces de uma mesma moeda, logo podem ser desprezadas por abordagens de pesquisa, que não levam em consideração não dando o seu devido “valor”. Uma ótica inadequada pode nos levar a ignorar traços marcantes que tem uma grande significância nesta cultura, esses elementos tem o poder revelar a essência do social e sua interferência nas mais diversas áreas como também na sua mentalidade, intersubjetividade, participação no seio dessa sociedade, assim, quebrando esse tipo de paradigma poderemos ver com uma maior profundidade os pontos de estrangulamento que estão tão próximos de nós que nos impedem ter acessibilidade aos direitos fundamentais.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSER, L. (1983). Aparatos Ideológicos de Estado. Graal Biblioteca de Ciências Sociais. Vol. Nº 25, 1983. Rio de Janeiro – Brasil.

- BORDA, Fals y RODRIGUES Brandao. (1987). *Investigación participativa*. Montevideo, La Banda Oriental.
- BRIONES, G. (2002). *Epistemología de las ciencias sociales. Módulo uno*. Bogotá: ARFO.
- CABALLERO, Javier. *Antropología Sociocultural*. Editorial Don Bosco, 2006.
- ERICKSON, Frederick & SHULTZ J. *Whem is a context? Some issue ans methods in the analysis of social competence*. Chap.7. In J.L. Green and C. Vallat (Eds) *ethnography and Language*. Norwood, NJ: Ablex Press. 1981
- ERICKSON, Frederick. *Qualitative methods in rescarch on teaching Handbook of research on teaching*. New york: ed. M.C. WITT ROCK. 1986.
- ERICKSON, Frederick. *Ethnographic description*. In U. Ammon, N. Dittmar, and K. Mathier (Eds) *An international handbook of the Science of language and society*. Vol.2, pp.1081-1095. Berlim and New york: Walter de Gruyter. 1988.
- ERICKSON, Frederick. *Ethnographic microanalysis of interaction*. In M.D. Lecompte, W.L. Millaroy and J. Preissle Eds. *The handbook of qualitative research in education*. Academic Press: Harcourt Brace Jovanavi ch, Pubs. 1992.
- FOUCAULT, M. (1988). *El sujeto y el poder*. *Revista Mexicana de Sociología*, 2(3):3-20, jul-set. 1988, México, D.F. – México.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed LTC. 1989.
- GOFFMAM, E. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1981.
- HAMMERSLEY, M & Atkinson, P. *Ethnography Principles and Practice*. London. Routltdge. 1983.
- HAMMERSLEY, M & Atkinson, P. *Qué es la etnografia?* Paidós, Barcelona, 2001.
- LUTZ, Frank W. *Etnography: The Holistic approach to understanding schooling*. In *Ethnography an language in educacional settings*, judith L. Grenn at. Alii (eds) Vol (V): p 51 – 63, Norwood, New Jersey, ABLEX.
- MACEDO, R. S. *A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA, 2004.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, organizadora: Eunice Ribeiro Durham. São Paulo Editora Ática, 2000.

MARX E ENGELS (1846/1985). *La ideología alemana*. Ediciones Pueblos Unidos. Buenos Aires – Argentina.

MEHAN, H. *Understanding Inequality in school: The contribution of interpretative studies*. *Sociology of Education*, 1992.

OGBU, J. *School Ethnography: a multilevel approach*. *Antropology and Education Quarterly*. Vol. XII, n.1, 9-31.

SAUTU, R. (2003). *Todo es teoría. Objetivos y métodos de investigación*. Buenos Aires: Lumiere.

SAUTU, R. y otros autores. (2005). *Manual de metodología. Construcción del marco teórico, formulación de los objetivos y elección de la metodología*. Buenos Aires: CLACSO.

TAYLOR, S. y BOGDAN, R. *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Editorial Paidós. 1992, Buenos Aires – Argentina.

VELASCO, Honorio M. y RADA, Angel Diaz de. *La Lógica de la investigación etnográfica*. Madrid: Tratta. 1997.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília, DF: Ed. UNB, 1991.

---. *Ensayos sobre metodología sociológica*. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1958.